



Tel: 8 Milhonet antigo, destino e con&posseida

PREGOS.

Preço seu envio à Fan Difesa R. 54, em cada dos  
S. G. Clube Paulist. & C.

Corte □ Preço

Acusar-se todo o cobro com gratuidade, es-  
timular a oficina de picogramma.

Por Ano.	3.000	Per ANO.	7.500
6 Mezes	3.000	6 Mezes □ j	3.000
1 Mez □ 500	500	1 Mez □ 600	600
		Acusado 160 rs.	

V. 1. 8. 1890. 2. 10. 10. 1890. 1. 13.



Vai, percorre o mundo, e disse-lhe que as letras e as artes ainda não morre-  
ram.

# O ARTISTA.

N.º 7 de Janeiro de 1866.

**O**jornalismo, como a humanidade, tem também o seu destino. As publicações periódicas são outras tantas esperanças, que desfolhão-se ao nascer, ou vivem embaladas com os explidores do futuro.

O sepulcralismo, que invade e adormece o predomínio público, vem sempre de combate contra as mais bellas aspirações. Raro é, portanto, o viajor que não estaca em meio do caminho, por que a aurora da esperança é muitas vezes o seu occaso.

Os compromissos da imprensa são quasi sempre uma utopia em nossos dias; contão-se as publicações pelos imensos sacrifícios que custarão.

Não bastão os esforços somente, é preciso coragem e resignação para a jornada; por que a indiferença geral ergue-se a encadear o jornalismo à terrível fatalidade, que o persegue.

Vai, pois, O ARTISTA por seu turno fazer a sua pergrinação. Antes disso permita-se-lhe apresentar a sua profissão de fé, a sua exposição de princípios.

Litterario e artístico, o seu título é por si só bastante significativo para que elle precisasse diser o que era, e a que vinha; mas satisfaça-se a esses preceitos das velhas usanças, sigão-se as doutrinas sancionadas pela tradição.

Poucas palavras bastão-lhe para tanto.

O ARTISTA procurará enunciar com justica o seu pensamento a respeito dos diversos ramos de litteratura, d'arte e das obras que se publicarem. Nunca o fará porem sem aquella decencia e dignidade, que são condignas de cavalheiros que se presão.

Jornal ilustrado, elle não será jamais o desforço das questões pessoais, ou políticas; a sua missão, ainda nessa parte, será toda litteraria e artística, procurando manter-se na altara que lhe convém.

Agora que elle fez a sua entrada no mundo das letras, que o julguem tal qual é.

Se merecer as sympathias e a benevolencia do publico, exforçar-se-ha para bem conserval-as; mas se for obrigado a retroceder, restar-lhe-ha ao menos a satisfação de ter iniciado os passos nessa gloriosa carreira.

O tempo e a opinião publica serão os s'os juizes.

## NOX

NOX

A. A. C.

Irré est doux, calme heureux, apaisé. Dieu regarde

V. Hugo — Eclaircie.

A noite invade o céo e o negro manto  
 Estende sobre a terra; as nuvens rosas  
 No oeste desce obumbram; tudo em trevas,  
 Tudo em silêncio jaz. As flores puras  
 Entre as vibrantes relvas se reclinam;  
 As aves dormem; tão somente a briza,  
 De quando em quando, suspirando gemo,  
 Como negra phalena que esvoaça  
 Com as membranosas asas acenando,  
 Ou qual o fruxo resombar da virgem  
 Que em sonhos de ventura titubia  
 Nome que precatada na alma guarda.

Luz de artifício vertem, pelas ruas,  
 Prosaicas lampreias como um insulto  
 Às estrelas do céo rompe o silêncio  
 Dos cochos o rolar atropelado  
 Espôlo longo lagarto se trespassa,  
 O povo estúpido. A palida donzella,  
 Entre gazas e filas que adulteram  
 A maravilhosa, espera ardente  
 A hora do sarao. Garrudos jovens  
 Ante os espelhos, placidos estudam  
 Afectuado ademão, postura ignava  
 Com que virginais corações captivam.  
 Em largo cartapasso-pavimente —  
 Vales-cumbre cubigoso velho —  
 Que o esgotado horário à banca supram.

A hora soa enfim: em sala extensa  
 Mesciam-se os vicios; a mordente inveja  
 Aguda as prezas; a cubica teima!  
 A virgem pudimida a valsa arrasta  
 Nas braços deleis de la cova jovem  
 Que mentirosas theorias verte,  
 Sem testemunha, em animo innocent  
 — Como o veneno que depon a serpe  
 No calix aureo da gema eleste. —

Rollam na banca collossaes fortunas !  
 Soa a orchestra; rutilam diamantes;  
 Vaidoso o luxo ostenta-se ao reflexo  
 Das vacillantes luzes. Reina a festa !  
 Tudo é prazer, encanto, alacridade —  
 Delira a turba e a *amanhã* esquece;  
 —  
 O torvo satanaz contempla e ri-se.

Depois reina o silencio; os astros fulgem  
 Na abobada celeste; a lua argentea  
 Erguendo-se do mar, verte supina  
 Melancolica luz; a briza adóra  
 Sorrido, as flores vem beijar na relva.  
 Tudo dorme. O poeta solitario  
 Erra nos campos; ao fulgor dos astros  
 E ao sussurro das auras abre o peito,  
 Entumece-o de amor e de poesia.  
 Anatureza o inspira — pensativo  
 Sonha purezas e oblações murmurá.  
 A casta virgem — que detesta o baile —  
 Ergue-se prestes do virginio leito,  
 Enche de encanto o coração singello,  
 A harpa embraga e despertando o écho  
 Accordes vibra que com as notas frouxas  
 Do pallido poeta, ao ceo remontam:  
 —  
 Deus com sorriso carismal escuta.

*Flumen Június.*

Corte junho 23 1862

—  
 —  
 —

**F**azemos um mimo aos nosos leitores, publicando n'estas paginas, uma das mais formozas traduções, què porventura tem apparecido entre nós. E talvez a mais linda poesia de *Saint-Germain*, e que só um poeta inspirado como o sr. Joaquim Serra, teria a fortuna de verter para o nosso idioma, conservando-lhe a fidelidade das imagens, a frescura das tintas e a delicadesa do sentimento, alèm dos toques suaves e correctos que tanto distinguem os escriptos do autor das *Rozas de Nata*.

# EU NÃO ERA NADA.....

(SAÍDA. — GERMÂNIA)

Eu não era nada! Simples gota de orvalho  
 Que a noite derramou na petala da flor;  
 Mas quando o sol ergueu-se, as flores dando vida,  
 Torrentes espargindo de luzes e fulgor,  
 Eu fui tornou-me pallida, perante a pobre gota;  
 A perola e a saphira, a opala e a esmeralda...  
 Mas, se não fosse o sol, tu sabes minha amada,  
 Que eu não seria nada!

Eu não era nada! Pequano e triste insecto  
 Que o seu caminho busca na relva do jardim  
 Mas inclinou-se a rosa um dia para o solo  
 No calice floroso ceder me abrigo emfim!  
 Num leito tão divino temei divinas cores,  
 De escura a minha pena tornou-se azul-dourada;  
 Mas, se não fosse a rosa, tu sabes minha amada,  
 Que eu não seria nada!

Eu não era nada! Brinquedo de creanças,  
 O globo de salão que sobe e desce e cai,  
 Em dia tua quiseste me erguer co' o topo brando,  
 Subi, subi... para o céu e o mundo globo vate...  
 Levava no meu seio o teu balão celeste,  
 Deixei-o lá, que elle era essencia delicada,  
 Mas, se não fosse o ambiente, tu sabes, minha amada,  
 Que eu não seria nada!

Eu não era nada! Salgueiro solitario,  
 Vivendo junto ao tumulo por inflexivel lei,  
 Mas quando a virgem hera, per sobre a minha cõma,  
 Lançou seus lindos braços, com ella me abracei....  
 Abraços tão ardentes trouxerão vida nova  
 A arvore funerea, já triste e amarellada;  
 Mas, se não fosse a hera, tu sabes minha amada,  
 Qu'eu não seria nada!

Eu não era nada! Uma alma em triste exilio,  
 Errante, desolada, gemendo na afflição,  
 Na borda do caminho cahi já moribundo,  
 E tu me dêste o braço, ergueste-me do chão !  
 Por ti reanimado sentindo um doce beijo,  
 Vivi, e a minha lyra cantou mais afinada....  
 Mas senão fosse o beijo, tu sabes, minha amada,  
 Eu não seria nada!

*Joaquim Serra.*



## REVISTA THEATRAL.

A arte entre nós está bem longe de attingir o seo verdadeiro fim. Em quanto o charlatanismo faz progresso, o bom gosto parece transviar-se, porque o verdadeiro culto artistico já não conta sacerdotes.

O *grotesco* succede ao *bello*. Vai-se pedir ao theatro as banalidades que fação rir; mas o drama, que encerra uma these moral, que deleitando apresenta principios sinceros e verdadeiros, este não pode subsistir por muito tempo, porque a seo merito para com o publico, está na ephemera novidade com que é recebido.

Vejamos o exemplo.

O *Gymnasio*, dirigido por um artista — genio, e tendo uma excellente companhia, vê-se muitas vezes obrigado o transferir os seus spectaculos.

porque nem sequer tem verdade bilhetes para cobrir as despesas!

O Alcazar, em cujo seio nunca houve consciencia d'arte, donde a imoralidade mostrase de face erguida conquistando aplausos, o Alcazar, dizemos, goza hoje dos foros de theatro, e o seu director faz fortuna, graças a imbecilidade dos seus habitués, e a licencia que lavra alli de uma maneira insolita.

E que o Sr. Arnaut comprehendeu perfeitamente o espirito da epocha e viu que umas bonitas pernas, um *cancan comme il faut* satisfazia mais ao bom gosto huminsse, do que a sinceridade e a verdade em scena.

Volvemos aos antigos tempos da cavalaria. O que fazia-se por meio das armas faz-se hoje com os bouquets, e as edaficas aleazarianas vão-se deixando levar pelo mais puro e eterno dos amores; — o amor sonante!

O Gymnasio vai sempre caminhar do progresso. O Sr. Furtado Coelho não poupa esforços, para engrandecer o palco donde elle reina por seu talento, donde conquista as mais vivas sympathias, os louros da sua gloria.

Os dramas escolhidos e mimosos que vão a scena de continuo, erão por si sós bastantes para chamar a concorrentia publica, se não influissem também o bom desempenho, a consciencia com que são interpretado os eses papéis.

Mas Je que modo o publico corresponde a esses esforços? Negando o seu concurso, tirando a animação ao unico theatro que hoje temos.

Muito embora. A arte viverá não graças o charlatanismo, e quando se tem cumprido com os seus deveres, não ha de ser de certa indifferencia que venha matar a crença.

*Aristophanes.*

REVISTA LITERARIA

Contento pouco espaço pelo acanhado de sua forma, o nosso jornal, presentemente symboliza uma idéia. Esperamos, porem, que o publico apreciando com a devida justica os nossas intenções, prestar-nos-ha o seu apoio, e então o ARTISTA augmentara de formato na razão do concurso que obtiver, podendo d'estarte offerer aos seus leitores um maior numero de desenhos, e de escolhidos artigos, para que a ração impechatá todos os seus esforços.



## L'ESPRIT DES BETES

POR

*Flumen Junius*

— "Meu caro Sr., declaro-lhe que em ponto de delicadeza não aceito lições de  
ninguem! . . ."